

DOMINGO, 4 DE DEZEMBRO DE 1988

Interior

Índio vereador espera a posse

JAIR ACEITUNO

AVAÍ — No ano de 1911, quando o então tenente-coronel Cândido Rondon, diretor do recém-criado Serviço de Proteção ao Índio (SPI), abriu o Posto Indígena de Araribá, o município ainda não existia. Era apenas um lugarejo, chamado Jacutinga, onde, poucos anos antes, os caingangues haviam travado sangrentos combates com o homem branco que avançava sobre seu território para a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, via responsável pelo desbravamento do centro-oeste paulista e interligação de São Paulo com Mato Grosso, Bolívia e Paraguai. O município só seria criado em dezembro de 1919, com a aldeia, de 1.860 hectares, encravada em seu território. Mas só agora — passados quase 70 anos — os índios, que também são munícipes, elegeram um representante dentro do quadro político-administrativo local.

Mário Camilo, 33 anos de idade, nascido na própria aldeia, filho do ex-cacique Jasone Camilo, casado com Gilda e pai de oito filhos, é o vereador mais votado das últimas eleições em Avaí, na região de Bauru, e, nessas condições, presidirá os tra-

balhos de instalação do novo período legislativo, dará posse ao novo prefeito, Orlando Gimenez, e poderá, ainda ser eleito presidente da Câmara. Os índios de sua tribo, de linhagem terena, deverão oferecer um colorido especial à posse, dia 1º, comparecendo à praça onde se localizam a Prefeitura e a Câmara Municipal.

Humilde, de pouca conversa, astuto e muito trabalhador, Mário Camilo teve o mesmo começo profissional de seu pai e da maioria dos 400 habitantes terenas e guaranis de Araribá: trabalhou como "bóia-fria", nos sítios e fazendas vizinhos à aldeia, muitas vezes com remuneração abaixo da média.

Em 1977, juntamente com os líderes mais idosos da aldeia, Mário participou da fundação do conselho tribal, que tinha como objetivo primeiro retirar o índio da condição de "bóia-fria", gerando condições para o grupo cultivar a própria terra. "No começo uma parte dos índios preferiu continuar trabalhando fora", conta Mário: "Em 1979, conseguimos fazer o primeiro projeto de feijão e arroz, no ano seguinte fui nomeado vice-cacique e, aos poucos, passamos a ter vida própria. Há cinco anos ninguém mais trabalha fora e a vida me-

horou muito, até que em 1986 conseguimos assumir também a administração do posto da Funai".

A meta principal de trabalho de Mário é conseguir benefícios para os índios, sem a necessidade de retirá-los para a cidade. Ele próprio garante que, mesmo vereador, continuará morando na aldeia, "até quando morrer".

Essa foi a segunda vez que Mário Camilo concorreu à Câmara de Avaí. Em 1982 foi candidato do PDS mas não se elegeu porque o voto era vinculado e a maioria dos índios — simpáticos à candidatura do prefeito Antônio Faria Neto, do PMDB — preferiu votar no prefeito. Agora, concorreu pelo PMDB, obtendo 101 votos, contra apenas 74 do segundo colocado.

Entre os 400 índios de Araribá, aproximadamente 130 são eleitores — diversos beneficiados pelo instituto do voto do analfabeto — e, além de Camilo, a aldeia teve outro candidato, Claudemir Marcolino, da tribo guarani, que concorreu também à Câmara de Avaí, pelo PFL, ficando como suplente, com 33 votos.

O representante da Funai em Bauru, João Vianey, lembra que Mário Camilo é o único índio eleito em São Paulo.



Jair Aceituno/AE

Avaí: o índio Mário Camilo.